

pre um médico devotado, tão escrupuloso que mandava os doentes para os colegas, sempre que o caso era duvidoso; recusava, por outro lado, os pequenos compromissos, os negócios escuros que então eram de regra na profissão. No Encontro pelos Crisântemos, pode ver-se como ele olhava para o mister do médico, numa altura em que acreditava mais no valor terapêutico da simpatia humana do que no dos tratamentos. O ofício, de resto, proporcionava-lhe uma vida folgada, pois em 1780 conseguia construir uma casa nova. Consagrava os tempos livres ao estudo e publicava regularmente comentários aos clássicos, poemas e até alguns contos.

Mas sentia-se pouco feliz: com os escrúpulos de consciência e a fina sensibilidade que possuía, sofreu vários reveses profissionais, que os rudimentares conhecimentos da época explicam cabalmente, mas que ele atribuía à ignorância e ao pouco jeito das suas mãos; começava nessa altura a ter a vista fraca, e o seu feitio sempre muito pouco sociável azedava cada vez mais, lançando-o numa ferocíssima misantropia (chamavam-lhe os amigos «o Rabugento»). Entrara em polémica com o mais ilustre filólogo da época, Motoori Norinaga, com quem trocava panfletos desabridos, alcunhando de fantasias as reconstruções da língua antiga que Norinaga propunha. Os argumentos de Akinari, construídos com um sentido crítico mais agudo do que o do adversário, não deixam de surpreender pela lógica rigorosa. Infelizmente, a paixão levava-o para ataques pessoais de que resultavam não pequenos dislates. E foi nessa altura que, por estranho que pareça, apareceu a edição original do **Ugetsu**.

Morreu em 1778 uma menina a quem tratava, morte cuja causa foi um erro de diagnóstico. O pai, ignorando a causa da morte, con-

tinuou a testemunhar ao médico confiança e amizade. Era demais para Akinari que resolveu abandonar definitivamente a medicina, consagrando-se inteiramente a trabalhos literários. Era todavia difícil viver de um mister que era então considerado um passatempo pouco honroso. Apesar de publicar bastante e de algumas reedições, o dinheiro era cada vez mais raro.

Akinari pensou que viveria melhor em Kyôto e em 1793 foi instalar-se na capital, de onde não sairia até à morte; mas a vida que ali levou foi sempre instável, nunca parando no mesmo sítio, vivendo ora nos templos ora em casa de um discípulo. Com a morte da esposa, viu-se desamparado e quase cego. Pensou a certa altura em suicidar-se, mas desistiu de o fazer e levou durante mais doze anos uma vida miserável e laboriosa, publicando entretanto vários trabalhos de erudição. Morreu em 1809. Pode ainda hoje ver-se o túmulo de Akinari no recinto do templo budista de Saifuku-ji; a lápide ostenta um dos seus inúmeros pseudónimos: Ueda Muchô.

O UGETSU-MONOGATARI

Os japoneses nunca distinguiram muito claramente o romance do conto ou da narrativa histórica. O termo **monogatari** («narração») aplica-se tanto a um romance como o **Genji-monogatari** como a uma recolha de contos lendários no género do **Konjaku-monogatari**. Quanto àquilo a que, na literatura contemporânea, se chama **shôsetsu**, ou seja, «romance», é um género que corresponde mais à nossa novela. Recentemente foi introduzida uma distinção entre romances compridos, médios e curtos. Corresponde ao que nós designamos pelos termos de romance, novela e conto.